

with the presbyteral identity itself. So they center their basic cores on the local church, at whose service priest work.

One enters the presbyteral community through ordination which represents and enables the priest to act in the name of Christ — Head and Shepherd — and the Church itself which answers him “yes” in a generous and organic way. So it gives the world a new and creative love as well.

In these cores we must always include and focus the person of the priest, his bio-psychologic, spiritual rhythm, catch the deep meaning of the periods he lives and support him with due means.

The above spirituality is limited by some requisites. The main ones are a balanced and general theological view of the ministry, a constant work of the pastoral charity which overrules the whole priest's life and action, the exercise of the ministry in healthy conditions.

To deepen and promote the spirituality of the priest and presbyterate is a very good pastoral investment. It helps to make clear other near areas such as education in the seminary, the ecclesiology, the pastoral ministry and planification.

DOMINGUES, Bernardo — *The Statute of Religious Language.*

203-213

The statute of the religious language is rather complex. Besides its current part as means of communication it has also a saving mission and productive one through sacraments. It is also in a constant tension to be faithful to the source, to the revelation, different from the receiver as to the quality, and in constant adaptation to different historic, social and cultural contexts. For that purpose it must use thoughtfully the analogy and symbology of the language, to send exactly the salvation which includes denounces and announces in an understandable interesting and suitable way to the receiver in a certain context.

CARDOSO, A. — *The Portuguese Embassy to Pope Julius II.*

215-222

It relates an “embassy of obedience” sent on the first of June 1505, almost ten years before another better known to Pope Leo X.

It helped Portugal to spread in the center of christianity things of Guine, India and East. There was a consistory of 26 cardinals called by the pope. The official orator was Diogo Pacheco who asked for the confirmation of the crusade and grant of the indult for the expenses Portugal had made in Africa.

Among the results of this embassy there are three bulls the following month: Diogo de Sousa was transferred to Braga, King Emmanuel was granted the Golden Rose.

Notas e Comentários

Análise e reflexão teológica baseada no poema "Liebe" de Robert Walser

Amor

*Eu mesmo sou o meu amado
Eu sou aquela que se ama e odeia
Ó, nenhum poder do Amor
me prende tanto como eu a mim mesmo.
Tantas vezes, em solidão,
meditando sobre mim, horas seguidas
era eu noite, dia, suplício
e calor de sol para mim.
Eu sou o sol que me dá aconchego
Eu sou o coração que me ama tanto
que tão generosamente se entregue
atormentando-se pelo seu amado.*

Liebe

*Ich bin der Liebling meiner selbst.
ich bin es, der mich liebt und hasst
Ach, keine Liebesmacht erfasst
mich selbst so völlig wie ich selbst.
Oft, wenn ich stundenlang allein
mit mir in Selbstgedanken lag
war ich mir Nacht, war ich mir Tag
war ich mir Qual und Sonnenschein.
Ich bin die Sonne, die mich wärmt
Ich bin das Herz, das mich so liebt
das so vergessen hin sich giebt
das sich um seinen Liebling härt.*

ROBERT WALSER

A razão de apresentar uma exposição sobre este poema baseia-se na convicção que actualmente de que urge uma reflexão profunda no que é essencial do ser humano. A nossa época é assinalada por um ritmo de vida que impede o indivíduo contemplar-se a si mesmo, proporcionando-lhe frequentemente uma auto-imagem deturpada ou restringida.

O meu objectivo pretende despertar para tal fenómeno e propor uma resposta viável. Este poema serve como ponto de partida para uma reflexão pessoal sobre o tema acima mencionado e adequadamente limitar-me-ei ao uso do método da reflexão.

Para um melhor entendimento do poema é essencial conhecer e avaliar a “Weltanschauung” do autor Robert Walser. Um breve resumo ajudar-nos-á a entrar no mundo do poeta.

Robert Walser nasceu 1878 em Biel e morreu 1956 em Herisau na Suíça. O seu pai era um pequeno comerciante. R. Walser terminou a formação como empregado bancário em Biel, mas logo depois procurou conhecer novos mundos. Só em 1913 regressou a Biel e conseguiu-se empregar mais tarde como arquivista. Mudou várias vezes a sua residência tanto na Alemanha como na Suíça; a partir de 1929 era internado em diferentes clínicas psiquiátricas por ser considerado esquizofrénico.

Muito cedo, os seus trabalhos eram apreciados por Kafka (a quem influenciou), Morgenstern, Musil, Brod e outros. Todavia, só depois da sua morte chegou a ser estimado pelo grande público. Toda a sua obra parte de vivências pessoais e pretende ser uma crítica profunda da cultura do seu tempo, usando uma linguagem afável que lembra a pintura delicada do Impressionismo. Contudo, por trás destas imagens frequentemente idílicas escondem-se angústia e pessimismo em relação à vida moderna.

Feita esta introdução, debruçemo-nos sobre o poema apresentado.

1. Robert Walser escreveu este poema com a idade de vinte anos.

Ele descreve com grande realismo o seu amor existencial, que tanto é bálsamo como veneno para o seu ego. As suas declarações introduzem-nos no mais profundo do ser da consciência metafísica. Esta luta interior traz à luz do dia a essência pessoal e universal, a sua auto-consciência que se anima na sua capacidade de se auto-distanciar; um dom que cada pessoa possui, que no entanto deve ser estimulado e desenvolvido para encontrar a plena realização com a progressiva maturação pessoal.

Contudo, nem sempre o ser humano investe na evolução deste dom, correndo o perigo da estagnação fechando-se, fugindo de qualquer introspecção profunda, por ser frequentemente dolorosa.

O poema aproxima-nos da vida interior da pessoa que às vezes tem aspectos dramáticos, tendo hoje, no fim do séc. XX, tanta actualidade como no século anterior. Numerosos problemas, dos mais graves da nossa época estão ligados a esta vivência individual que nos descreve o autor: a discrepância entre o mundo interior e o exterior da pessoa ou seja realidade factível e aspirada aqui, se bem que veladamente.

Cada ser humano anseia pela felicidade que é a vocação básica da vida humana. A pessoa quer ser feliz e para se tornar feliz precisa de ser compreendida e estimada quer dizer necessita do amor expresso. Esta convicção surge também nos Evangelhos mediante as seguintes palavras de Jesus Cristo "Amai-vos uns aos outros como a vós mesmos".

Em que relação estão, todavia, o amor em si e o amor sadio de si mesmo?

2. Para um esclarecimento pertinente temos de investigar a mencionada auto-consciência que se fundamenta na consciência reflexiva (reflexes Bewußtsein) da pessoa. Como foi acima referido, a pessoa auto-distanciando-se, vive o seu ego como suporte das suas vivências (*Er-lebnisse*). Esta capacidade ajuda-o a diferenciar-se dentro da consciência (Bewußtsein) entre o eu, o acto e o objecto, pro-

porcionando o questionamento das suas relações mútuas e como o valor lógico-formal e ético, além do valor enquanto teoria do conhecimento dos próprios actos, permitindo-nos, desse modo, o alcance da cultura em si (*Geisteskultur*)¹.

Vimos no poema que comentamos como a auto-consciência "entra em diálogo" e fornece pistas sobre a ansiedade humana pela felicidade. Irrompe aqui o fenómeno da auto-afirmação que vacila entre amor e o ódio de si mesmo, ou a auto-confiança e a insegurança pessoal.

O dilema humano interpretado pelo autor, é geralmente qualificado por narcisismo, designação que se refere ao mito "Narcissus et Echo" contado por Ovide nas "Metamorphoses". A afirmação seguinte exclamada por Narcissus "Iste ego sum! sensi, nec me mea fallit imago: uror amore mei, flammam moveoque feroque. Quid faciam? Roger anne rogem? Quid deinde rogabo? Quod cupio, mecum est: inopem me copia fecit," demonstra um amor de si mesmo doentio². Todavia a vivência descrita por R. Walser ultrapassa o fenómeno narcisista, por este ser um comportamento humano que exclui qualquer autocontestação maníaca. O tema do poeta apresenta a tensão angustiante entre o amor de si mesmo e a sua negação o que mostra a profunda dúvida em relação à sua auto-imagem. A introspecção do autor alerta para o intenso desejo de paz interior. Anseia pela aceitação própria e exterioriza o tormento sentido pela ausência da auto-aceitação que seria a força motriz para a sua situação como ser humano sempre limitado.

3. Chegamos à raiz do dilema manifestado pelo poeta. O problema fundamental para Walser não é a harmonia pretendida pelo seu ego, dividido entre o amor e o ódio de si mesmo, mas sim uma ansiedade entranhada pela perfeição plena que lhe iria proporcionar a sua auto-aceitação — o seu sadio amor de si mesmo. Unicamente depois da perfeição alcançada, o seu ego "tolerava" o amor de si mesmo e conseqüentemente experimentava a paz. Portanto, a perturbação revelada aponta para um desequilíbrio psíquico que, a meu ver, se situa na ausência da auto-aceitação como ser limitado, obstruindo qualquer evolução da auto-confiança sadia, tão fundamental para toda a pessoa.

Este raciocínio apresenta-nos duas afirmações que devem ser consideradas:

a) A ausência da auto-confiança leva a uma "guerrilha interna".

b) O facto de ansiar pela perfeição plena pode reduzir à resignação fatalista, frustração e desespero, devido a nunca alcançar tal ideal. A "auto-desconfiança" e possivelmente o auto-desprezo surgem muitas vezes como resultado deste "esforço de Sísifo".

Para continuar esta reflexão urge investigar estes dois conceitos essenciais na vida humana para garantir uma melhor compreensão do problema levantado.

ad a) Que papel tem a confiança na vida da pessoa?

Confiar — acreditar — amar são termos intimamente interligados e interdependentes. Confiar é a tradução literal do verbo "πιστευειν" (πιστις) tendo em

¹ W. BRUGGER, *Philosophisches Wörterbuch*, Freiburg, 1976, ver *Bewußtsein*, p. 46.

² P. OVIDIUS NASO, *Metamorphoses*, Zürich, 1976, p. 68.

latim o substantivo equivalente “fides” (fé). Esta referência etimológica demonstra a ligação entre confiar e acreditar; podemos afirmar: “confiando — acreditando — acreditando — confia-se”, uma disposição fundamental que leva à mútua entrega, base elementar para um amor autêntico³.

Etimologicamente, em alemão, “glauben” — “acreditar” e “lieben” — amar como “loben” - “louvar” estão interligados. Como factitivo do termo “lieb” — “querido” tem “glauben” - “acreditar” o significado fundamental “sich etwas lieb — vertraut machen”. desse modo estamos a ver que confiança ou auto-confiança estão intimamente ligados à expressão “dar crédito/ter fé em”⁴.

ad b) Dado antropológico absoluto é a ansiedade da pessoa pela perfeição (plenitude) — “Vollkommenheit” em alemão. Nietzsche constata amargamente “Denn alle Lust will Ewigkeit” (Omnis oblectatio aeternitatem cupit).

Observamos que o ser humano, desde o princípio da sua vida, como ser profundamente dependente e débil, abre-se ao exterior, apalpando e observando, procurando para si, o que o assegura amparo e segurança, anseando pela Geborgenheit” (termo derivado do verbo alemão bergen/barg/geborgen no sentido de aufheben, retten — em português guardar, salvar).

4. Esta busca traduz-se na relação humana do eu-tu. Esta relação (Beziehung) é primordial para a pessoa e é tão forte que podemos falar com Buber do “Trieb der Beziehung” (o impulso natural e originário da relação). M. Buber, importante filósofo judeu, fala desta circunstância humana como o “a priori da relação” ou da tensão eu-tu, inata”⁵.

Nesta necessidade da pessoa em relacionar-se, exprime-se a insatisfação do já conhecido e a ansiedade pela relação global que culmina na relação com o Tu da plenitude e perfeição no amor (na linguagem religiosa no Tu do Deus pessoal). Não se trata aqui de uma projecção, em si alienante, para a transcendência, como Feuerbach e mais tarde S. Freud pretenderam afirmar categoricamente, mas sendo um dado empírico que é o reconhecimento de uma ansiedade humana como dom originário (Gabe) que se toma uma “Auf-gabe” (dever) a realizar durante a vida da pessoa. Exactamente como Buber declara, a realidade do projecto da relação fundada no ser humano surge como dádiva que garante a origem espiritual da mesma.

5. Feita esta investigação, falta-nos aplicá-la ao poema que estamos a apresentar e comentar.

Concluimos que para o equilíbrio mental da pessoa, a auto-confiança se apresenta como base essencial para o desabrochar de uma personalidade sã. Todavia, constatamos que a auto-confiança corre sempre o risco de ser minada e questionada pelo reconhecimento pessoal, porque a nossa auto-realização e perfeição nunca serão atingidos. Resta a interrogação, como pode encontrar a

³H. KÜNG, *Menschwerdung Gottes*, München, 1989, p. 299.

⁴H. G. GADAMER, *Wahrheit und Methode*, Tübingen, 1990, p. 94, 158-161.

⁵M. BUBER, *Ich und Du*, Heidelberg, 1983, p. 35, 36 e 157ss.

pessoa a felicidade, hic et nunc, se à partida se acha num “Ghetto” cheio de tormentos psíquicos dos quais nunca se poderá libertar?

6. Em todas as civilizações, o ser humano via-se, de modo mais ou menos consciente, nesta situação restringida. Contudo, sempre procurou saídas para a vida cheia de angústias. Muitos mitos falam-nos desta luta constante contra o desespero humano.

Com a evolução dos tempos, singularmente na cultura judaica, a pessoa vê-se como parceiro de Deus⁶ e não como um divertimento dos deuses ou um acaso do destino⁷. Irrompe a imagem de um Deus-Pai, cheio de amor e justiça que vai ao encontro da humanidade para a tornar feliz e libertar das suas angústias. Em múltiplos textos do AT e mais tarde no NT transparece esta convicção e a pessoa, reconhecendo-se como ser finito e frágil, encontra finalmente no amparo de Jahwé liberdade, felicidade e paz.

O Salmo 51 (Salmo penitencial do rei David) testemunha exemplarmente esta nova vivência humana, David implora a misericórdia divina. Deus mostra o seu infinito perdão e da relação apavorante entre David e Bethsabé, marcada pelo assassinio, pode nascer um filho como Salomão, símbolo da sabedoria judaica e sinal do perdão de Jahwé. As perícopas deste Salmo contam-nos, por excelência, as vicissitudes da vida interior e exterior da pessoa e dos seus tormentos.

David encontra felicidade e paz, ao assumir a sua condição de ser humano frágil, apoiando-se na bondade infinita de Deus em quem confia plenamente. A confiança no Deus-Amor proporciona-lhe a libertação da opressão interior.

O dilema da consciência, verificado por David, há tantos séculos, não obstante sempre actual, aponta para uma dicotomia fundada na consciência humana. Aqui situa-se toda a grandeza e miséria do ser humano por saber incessantemente da sua condição cheia de ameaças, incertezas e ambições o que o distancia insondavelmente do mundo do animal⁸.

A fé num Deus misericordioso e solidário que o acolhe e auxilia como filho, liberta de angustia frustrante por o seu ego nunca se tornar num suporte absoluto da sua existência⁹.

Finalmente podemos afirmar que a inserção humana em Deus restitui ao ser humano a sua auto-imagem sadia, o seu próprio equilíbrio, fundamentada na auto-confiança.

Tanto o texto antiquíssimo do Salmo como o poema de R. Walser mostram-nos a pessoa limitada diante a complexidade do seu ser. Através da capacidade do auto-distanciamento, a pessoa descobre o relacionamento consigo próprio, que tantas vezes é conflituoso.

Não pretendo entrar nas razões elaboradas por S. Freud; tenciono unicamente apontar para as origens, muitas vezes patológicas, que não permitem um relacionamento são consigo próprio.

⁶Gen. 1, 26-27.

⁷R. VON RANKE-GRAVES, *The Greek Myths*, London, 1955.

⁸L. SZONDI, *Lehrbuch der experimentiellen Triebdiagnostik*, Bd. I, Bern-Stuttgart, 1960, p. 182.

⁹E. DREWERMANN, *Psychoanalyse und Moraltheologie*, Bd. II, Mainz, 1991, p. 66.

Contudo, urge assinalar que existe na pessoa um esquema primordial que a conduz a ser cada vez mais pessoa, quer dizer, encontrar liberdade e paz — a felicidade.

Procurei elaborar que existe uma íntima ligação entre confiança, auto-confiança e a relação em si, dados em que se apoia toda a personalidade do ser humano.

7. Um mundo, cada vez mais marcado por tensões interpessoais que se traduzem em infelicidade e frustração nas múltiplas civilizações, obriga-nos a reflectir sobre as suas origens e encontrar uma solução que proporciona à pessoa ser verdadeiramente pessoa.

O ser humano, frequentemente, habituado a não aceitar os seus limites, tem de mudar o seu modo de pensar (um-denken) que diz respeito ao âmbito global vivencial. Reencontrando no seu ego toda a sua riqueza, mas também limitações, tem a oportunidade de verificar que é na *relação* consigo próprio, com o tu (o que engloba tudo o que o rodeia — “Umwelt”) e com o Tu eterno, a sua razão (essência) de existir. Nessa relação que deve ser sempre pessoal (o tu nunca se deve degradar em objecto), baseado no dom do amor, encontrará estabilidade e “Geborgenheit” contra as tribulações da vida.

Numa sociedade, onde o poder e o sucesso mais ou menos fácil, tem o seu papel preliminar, as angústias humanas são geralmente suprimidas, minimizadas ou até negadas. Todavia, chegamos a um ponto que a própria sociedade corre o risco de sucumbir por não ser capaz de oferecer valores válidos e convincentes, que dêem um significado à vida humana.

Desta e doutras reflexões concluímos que através do poema de um jovem de vinte anos, angustiado pelas interrogações, para as quais não encontra resposta, aponta para uma experiência humana universal a que Santo Agostinho nas “Confessiones” respondeu de modo seguinte “tranquilitas pacis in ordine”, sabendo incluído no conceito de ordem e a justiça, a verdade e o perdão¹⁰.

A história ensina-nos que tais valores nunca serão alcançados na plenitude. no entanto, reconhecemos que, conhecendo-se a si mesmo, existe a possibilidade de encontrar uma relação equilibrada com os outros e com estes valores.

Gostaria de terminar esta análise pensando que quem não se ama a si mesmo de modo sadio, não poderá amar os outros como eles precisam.

Porto, 92.09.10

HEIDE-MARIE SEYBERT PINTO FERREIRA

¹⁰ AUGUSTINUS, *Bekenntnisse*, Frankfurt, 1959, p. 45-47.

Bibliografia

AUGUSTINUS — *Bekenntnisse*. Frankfurt 1959.

BÍBLIA de Jerusalém. S. Paulo 1980.

BRUGGER, W. — *Philosophisches Wörterbuch*. Freiburg 1976.

DREWERMANN, E. — *Psychoanalyse und Moraltheologie*. Vol. 2. Mainz, 1991.

GADAMER, H. C. — *Wahrheit und Methode*. Vol. 1. Tübingen 1990.

KÜNG, H. — *Menschwerdung Gottes*. München 1989.

OVIDIUS NASO, P. — *Metamorphoses*. Zürich 1976.

SZONDI, L. — *Lehrbuch der experimentiellen Triebdiagnostik*. Vol. 1. Bern-Stuttgart, 1960.

VON RANKE-GRAVES, R. — *The Greek Myths*. London 1955.